



# **O samba em torcidas organizadas: narrativas caminhanter, (sobre) vivências imagéticas que não ganham manchetes**

**Samba in organized fan groups: walking narratives, (about) image-based experiences that don't make headlines**

**Roberto Souza Junior <sup>1</sup>**

<https://orcid.org/0000-0002-1391-6750>  
<https://lattes.cnpq.br/4580496853520625>  
r.alencarjunior@hotmail.com

---

1 - Antropólogo urbano e audiovisual, pesquisador de torcidas organizadas e escolas de samba. Doutorando e mestre em Antropologia Social (UFSCar), pesquisador associado ao Laboratório de Estudos das Práticas Lúdicas e de Sociabilidade (LELuS-UFSCar), ao Grupo de Antropologia Visual (GRAVI-USP) e ao Pesquisas em Antropologia Musical (PAM-USP). Este trabalho é fruto da pesquisa de doutorado "Da arquibancada à avenida, do futebol ao carnaval: sociabilidades e pertencimentos em torcidas-escolas de samba", financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo- FAPESP, processo: 22/14384-4.

**Resumo:** Neste trabalho busco protagonizar o samba como uma das diversas sociabilidades e pertencimentos em torcidas organizadas para além das dinâmicas em torno unicamente do futebol. Com isto, e a partir do contexto etnográfico entre Gaviões da Fiel e Mancha Verde, procuro discutir como as listas e inventários de registros visuais podem deslizar de um olhar estático e classificatória, para uma narrativa caminhante com novos atores e significados, antes reduzidos a uma única perspectiva totalizante.

**Palavras-chave:** Torcidas Organizadas; Escolas de Samba; Sociabilidade; Pertencimento; imagens

**Abstract:** *In this work I seek to highlight samba as one of the various forms of sociability and belonging in organized fan groups, beyond the dynamics surrounding football alone. With this, and based on the ethnographic context between Gaviões da Fiel and Mancha Verde, I seek to discuss how lists and inventories of visual records can slide from a static and classificatory perspective to a moving narrative with new actors and meanings, previously reduced to a single, all-encompassing perspective.*

**Keywords:** *Organized Fan Clubs; Samba Schools; Sociability; Belonging; images*

A fotografia tem em seu dom de registro talvez seu maior perigo, a imortalização da representação. Capturar o momento em uma imagem estática pode, ao mesmo tempo, sugerir uma espécie de abertura futura para que aquele lapso temporal seja revisitado, como também o enclausurar ali de tal maneira como se nada mais fosse, além do que apenas aquela representação absoluta do vivido.

Isso pode não parecer um grande problema quando se possui uma câmera fotográfica em casa. Afinal, os registros históricos de família, dos tempos analógicos aos digitais, nos induzem a pensar que todo registro é válido nessa colcha de retalhos do lembrar, a qual buscamos tecer ao longo de nossas vidas como verdadeiras enciclopédias de pertencimentos afetivos. E quando a câmera é nossa, nos esquecemos que todo olhar, mesmo os ilusionados com a neutralidade de listas, inventários e catálogos, possuem um corpo, e que todo registro é antes fruto da perspectiva de quem tem o poder de registrar e classificar (LIMA, 2000).

Mas e se a câmera não fosse nossa? E se os registros e classificações fossem financiados por interesses alheios que tendem a ganhar mais com uma única perspectiva, que nos desumaniza e nos reduz a uma coisa só? Será que então passaríamos a nos importar?

É neste contexto que estão inseridas, sobretudo imagneticamente, as torcidas organizadas de futebol no Brasil. Coletivos múltiplos em suas formas de sociabilidades e pertencimentos, atravessados pela racialidade periférica e socioeconômica das grandes cidades, tensionados por questões de gênero e formas contemporâneas de (sobre)viver às margens. Ainda assim, reduzidos em “listas e enciclopédias” com retratos estáticos de décadas passadas, constantemente retroalimentado pelo interesse midiático em explorar a imagem de violência como estratégia de alcance e lucro.

Desde as já aludidas ondas de violência que agitaram as TO's, sobretudo nos anos 1990, uma das formas responsáveis pela estigmatização, enquanto coletivos violentos e baderneiros, foram as imagens na mídia, que, sistematicamente, sustentaram a dramaticidade das coberturas esportivas e que fixaram no imaginário popular a violência como expressão única dessa sociabilidade, estigmatizando-as como agrupamentos marginais e párias do futebol profissional masculino (SOUZA JUNIOR, 2021, p. 2).

Atualmente a imagem tomou um protagonismo ainda mais visceral em nossas formas de sociabilidade pós redes sociais, e na tarefa de empurrar o céu para cima (KRENAK, 2019) que constantemente parece desabar sobre os torcedores organizados os reduzindo apenas a um grupo violento de machos selvagens e irracionais, as palavras escritas em teses e ditas em congressos parecem pouco ecoar.

Por isto neste ensaio as palavras dizem tão pouco, pois as imagens é que ressoam. Afinal, o universo que tenho vivenciado etnograficamente entre torcidas organizadas nos últimos anos, em nada compactuam com a imagem criada por aqueles que nas últimas décadas no Brasil tiveram o poder da câmera na mão para classificação. O que busco então é demonstrar como a fotografia, sobretudo em contextos etnográficos, pode e deve ter a responsabilidade de tornar os registros estáticos em narrativas que caminham para novos significados e simbologias que não costumam aparecer.

Como grande exemplo disso, pesquiso o samba em torcidas organizadas. O que não é nenhuma novidade, desde o princípio desse modo de torcer, ao menos na cidade de São Paulo, o samba já figurava entre uma de suas práticas mais comuns de sociabilidade, pois também era importante traço racial e socioeconômico de onde surge o modo organizado de torcer. E não demorou muito para que o samba, já em tons carnavalescos, recebesse também seus contornos mais oficiais, fazendo com que muitas torcidas organizadas se tornassem também escolas de samba do circuito de carnaval da cidade<sup>1</sup>.

Atualmente as chamadas torcidas-escolas se tornaram também importantes centros comunitários em suas quebradas. Por meio da expansão de suas sedes, com atividades regulares para além do futebol e do samba, esgarçando suas formas de sociabilidades e pertencimentos para o próprio exercício comunitário de lazer e ação social em seus bairros (TOLEDO & SOUZA JUNIOR, 2020).

E a fim de retratar um pouco dessa multiplicidade que não cabem em listas, os registros imagéticos a seguir, nos Gaviões da Fiel e na Mancha Verde (2023 e 2024), deslizam de uma perspectiva literal do caminhar e passam a trilhar um olhar caminhante mais simbólico e metaforizado em significados que, apesar de sempre imersos em disputas, foram ignorados em seu protagonismo imagético de representação difusa dos cotidianos das formas de torcer e sambar nas torcidas organizadas.

Por isso as fotografias a seguir não possuem legendas que as classifiquem, antes são elas um percurso aberto a múltiplos caminhares e perspectivas. Afinal, o que as torcidas-escolas têm apontado é que são elas mesmas as produtoras de suas enciclopédias, e que cabe a nós pesquisadores apenas a atenção suficiente para captar além de nossas formas coloniais de ordenar o mundo.

Aqui, portanto, os registros não são meramente estáticos, mas caminham para uma (sobre) vivência das imagens com significados abertos que não possuem compromisso algum com as já datadas classificações, e sim flutuam numa nova teia de narrativas caminhantes, sobre vivências imagéticas de pessoas e práticas que não costumam ganhar manchetes, mesmo (re)existindo todos os dias a mais de 50 anos.

---

<sup>1</sup> Por exemplo, no caso dos Gaviões da Fiel, alguns membros já desfilavam nos anos 1970 como uma ala específica no carnaval do Vai-Vai, anos depois a agremiação se torna um bloco carnavalesco independente de bastante sucesso, tornando-se escola de samba ainda no final dos anos 1980. Caminho este seguido anos mais tarde também pela Mancha Verde, além de outras torcidas-escolas.

## Referências:

KRENAK, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LIMA, Tânia Stolze. Que é um corpo? In: Religião e Sociedade, 2000, n. 22, v. 1, p. 9- 20.

SOUZA JUNIOR, Roberto. Um preto e branco colorido: (des)construindo a imagem de torcedores organizados através da fotografia etnográfica. Pensata, 9(2), 2021.

TOLEDO, L. H & SOUZA JUNIOR, Roberto. Redes populares de proteção: Torcidas Organizadas de futebol no contexto da pandemia da COVID-19. Ponto Urbe, 26, 2020.













